



Relatório da Formação (24NF 2014) Curso de História da
Cerâmica das Caldas da Rainha

Introdução

Há uns anos participei numa visita de estudo a Ílhavo, patrocinada por colegas professores da escola onde trabalho, uma prática que permitia estabelecer boas relações entre colegas interessados em conhecer mais.

Antes de chegarmos ao destino final, o Museu de Ílhavo, o itinerário obrigava a uma paragem no *Aliança Underground Museum*. Eu não conhecia esse Museu, embora conhecesse bem o proprietário da coleção, Joe Berardo, do tempo em que vivi na ilha da Madeira. Conhecia o seu gosto artístico eclético.

Do tempo que passámos no *Aliança Underground Museum*, retive na memória as muitas peças de cerâmica das Caldas lá existentes que sobressaíam, imperiais, da escuridão das caves. Foi o início de uma relação de empatia entre mim e esse tipo de cerâmica de fantasia que nunca pensei que pudesse algum dia existir. Na verdade, nunca tinha pensado numa peça de cerâmica das Caldas como uma peça de arte maior.

No entanto, a minha relação com a cerâmica das Caldas, aquela mais utilitária, vem de muito cedo.

Como toda a relação de sentimentos só quando acaba é que sentimos o quanto e o como foi importante. Quando eu era criança vivia em Peniche. Os tempos eram tenebrosos. Em grande parte da então vila não havia água canalizada e em lugar algum do país havia liberdade de demonstrar o descontentamento por essa e outras faltas. Na cozinha da minha avó havia um enorme depósito de cerâmica castanha que enchíamos com muita regularidade de água que íamos buscar à bica. Dessa altura ficam memórias algo amargas, com imagens a tons de cinzento. No entanto, estranhamente, essas vivências algo dolorosas criaram afetos. Vejo agora que a uma riqueza minha foi ter nascido numa família pobre e economicamente decadente, traçada por grandes infortúnios. Nos dias da nossa infância o frio e o calor eram mais agressivos que hoje. Tudo era pior e tudo era melhor. Do melhor ficou, entre poucas outras, a memória daquele depósito de água fresca e pura; como nunca mais experienciei. Lembro-me também de vários alguidares de cerâmica, alguns já pontuados aqui e ali de grampos, que serviam para pôr a massa das filhós do Natal. Foi por estas razões que quis saber mais sobre cerâmica caldense. Quis saber mais

sobre as peças que usava na minha infância. Quis saber um pouco (quem não sabe nada só pode almejar, numa primeira fase, saber um pouco) das técnicas e características físicas das peças, mas especialmente quis saber, outra vez um pouco, da História da implantação da indústria da cerâmica caldense que, durante muito tempo, se assumiu como ex-libris da cidade onde vivo há meia dúzia de anos.

As sessões da ação de formação

Para quem sabia muito pouco da História da Cerâmica das Caldas da Rainha e já sentia tantos laços com essa manifestação artística fazia todo o sentido selecionar esta ação de formação dentro das muitas que o Centro de Formação disponibilizava. O facto de ser professor de História foi a menor das motivações.

Durante as sessões da ação, o Professor João Serra proporcionou-nos uma viagem fascinante, uma viagem que eu desconhecia quase na totalidade.

Logo no início da formação gostei da forma como foi feita a procura, nos cacos da história, da possível génese do caminho percorrido pela louça das Caldas; a importância dos colecionadores e das coleções de cerâmica e dos seus contributos para a construção de uma base de estudo efetiva. Nesse sentido pudemos compreender como foi estabelecido o Museu de Cerâmica e a importância da coleção Lucas Cabral. Naturalmente que a existência da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha e o trabalho de Rafael Bordalo Pinheiro deram uma enorme visibilidade à cerâmica caldense. Apreciei a pequena reflexão que o formador fez sobre os colecionistas e as coleções. Retive a ideia de como o colecionismo pode ser inimigo do trabalho do historiador, pois pode levar-nos por pistas erradas. A questão inicial presente da História da cerâmica das Caldas da Rainha é identificar como se desenvolveu o centro cerâmico, possivelmente num desenvolvimento paralelo ao desenvolvimento das termas, estimulado pela gerência hospitalar e pela própria rainha D. Leonor. À falta de documentos inequívocos sobre essa questão, o historiador identificou no início da formação da vila a atribuição de privilégios a certos moradores, entre os quais um oleiro. Concluímos que a

olaria era um ofício importante, merecedor de privilégio «régio». Paralelamente, os apontamentos dados sobre a demografia da vila permitiram o conhecimento de como se processou o seu desenvolvimento populacional e económico.

Outra questão importante é entender o tipo de peças que eram feitas nesses tempos remotos. À falta de exemplares que nos ajudem a compreender o desenvolvimento do tipo de peças fabricadas, podemos seguir uma pista de trabalho - a observação e análise da iconografia das várias épocas. Uma excelente fonte é certamente as obras da pintura de Josefa de Ayala, especialmente as naturezas mortas, onde a artista fazia incluir objetos de cerâmica da zona.

Na terceira sessão achei muito curioso a abordagem à louça de cariz sexual e a possibilidade de associarmos a sua génese ao facto de, durante os primeiros anos do século XVII, se pensar que as águas das teriam propriedades de cura de doenças venéreas, nomeadamente a sífilis. Nos finais do século XVII e durante o século seguinte já havia comércio de oferendas de genitália masculina.

A importância do Hospital Termal justificou a vinda frequente da realeza portuguesa. D. João V, frequentador habitual, que patrocinou a reforma do Hospital, projetada por Manuel da Maia. O que é incontestado é linha de pensamento que identifica o Hospital Termal como o motor do desenvolvimento da povoação.

A perspetiva histórica traçada a partir das premissas que referi foi muito esclarecedora. O Hospital Termal foi alvo das vicissitudes da História, albergando militares franceses, ingleses e portugueses. Os tempos difíceis que a primeira invasão francesa renunciava confirmaram-se aqui nas Caldas da Rainha aquando da ocupação do Hospital Termal e os conflitos entre ocupantes e populares que originaram a revanche dos «fuzilamentos das Caldas».

Foi muito interessante verificar como as Caldas sofreram um declínio populacional e económico durante as primeiras décadas do século XIX e como «acompanhou» o ressurgimento que a segunda metade desse século permitiu. É aí que as Caldas recuperam a sua posição como estância termal das elites

portuguesas. A produção da cerâmica caldense acompanha as ondas da História da nossa cidade. Salienta-se a existência de (Dona) Maria dos Cacos que, depois da segunda década do século XIX torna habitual nas feiras a cerâmica caldense, transportando-a para novos e longínquos lugares. Nessa década D. João VI visita as Caldas e sua filha recebe tratamento no Hospital Termal.

Logo no início da segunda metade do século XIX as Caldas tinham 20 olarias, mais do que Alcobaça, com 15 e Óbidos com 2.

É na segunda metade do século XIX que Ramalho Ortigão defende que os ceramistas devem acompanhar as novas tendências da arte. Na obra «O culto da arte em Portugal» refere que o século dezanove permitiu a arte refazer-se «completamente sobre novos elementos e por um critério novo a história da olaria, (...) a da escultura em barro (...).

Ramalho Ortigão defende a renovação da cerâmica caldense, pela mão de Rafael Bordalo Pinheiro. Na verdade, Manuel Severiano Gomes (Manuel Mafra) tinha sido o obreiro de um primeiro momento de renovação da cerâmica caldense.

Na visita de estudo ao Museu de Cerâmica podemos observar e comprovar tudo o que tínhamos aprendido nas primeiras sessões.

Na segunda semana de sessões destaco as duas referentes à obra de Rafael Bordalo Pinheiro e ao ceramista Ferreira da Silva. Foi muito interessante observar a génese da Fábrica de Cerâmica no contexto da situação do País nas últimas décadas do século XIX. Tematicamente, foi interessante, ao analisar a obra de Rafael Bordalo Pinheiro, observar a inclusão de elementos naturalistas, pitorescos.

Resumidamente, o que devemos salientar é a importância da fábrica no movimento de recuperação de uma indústria nacional e paralelamente o reflorescimento da arte portuguesa e de uma tentativa de criar um imaginário nacional. Nessa perspetiva aparecem elementos identificativos de um (novo) imaginário nacional: o estilo neo manuelino; a simbologia de Camões e d' «Os Lusíadas» ou seja, a assunção da era da expansão marítima portuguesa como a idade de ouro da História do nosso país, identificativo da glória nacional. Naturalmente a louça das Caldas refletiria essas tendências.

É interessante verificar quão atual é a obra de Bordalo, identificando «aromas bordalianos» em artistas contemporâneos portugueses.

Quanto à sessão dedicada ao Mestre Ferreira da Silva destaco a síntese feita sobre o percurso de vida desse ceramista. Gostei de conhecer esse artista e como a sua obra multifacetada foi (e será um dia muito mais) uma referência na arte portuguesa do século XX. Tê-lo ali a assistir e participar nas sessões, e especialmente na visita de estudo ao CENCAL, que proporcionou um contato com parte da sua obra, foi um verdadeiro privilégio.

Materiais produzidos / Mudança de práticas

Como professor de História e Geografia de Portugal irei incluir na planificação / programação anual três tempos dedicados à questão da cerâmica das Caldas, nomeadamente o surgimento da fábrica de faianças no contexto do ressurgimento industrial português da segunda metade do século XIX.

Esta não será a primeira vez que afloro alguns elementos de História local. A construção do Hospital Termal é um tema incontornável. Considero que, à falta da existência de uma disciplina de História Local, é importantíssimo incluirmos alguns elementos locais na lecionação da disciplina de História do país. A História local permite-nos criar mais facilmente laços de empatia e (porque não dizer?) afeto com os personagens que percorreram as mesmas ruas que nós, que sentiram o mesmo sentimento por viver aqui.

Irei elaborar uma apresentação sobre a cerâmica caldense, proporei em departamento uma visita ao Museu de Cerâmica.

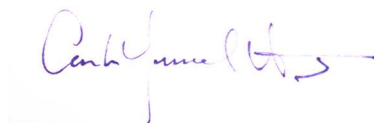
Conclusão

Globalmente devo afirmar que gostei muito desta ação. Em boa hora a escolhi! Gosto de arte, em todas as suas manifestações e sempre me fascinou a capacidade criativa do ser humano. Além disso, sou professor de História. Mesmo que nos tempos que correm a escolha da disciplina que se leciona é um pormenor de somenos importância. Mas antes de ser professor de História fui estudante de História. E perdido nos tempos ficou a felicidade de aprender

com um professor que nos cativasse tanto que o tempo deixasse de contar. Parece um anacronismo dizer que numa aula de história o tempo não conta, mas não é! Só me lembro de dois ou três professores que me proporcionaram esse sentimento. Trinta anos depois, o fascínio da História voltou. Gostei também a calendarização da ação. Penso que se tivesse sido mais espaçado no tempo perder-se-ia algum contato com as matérias e com a vontade de conhecer mais.

Finalmente sugiro que haja um novo curso com mais horas e mais específico. Poderia ser balizado temporalmente desde o tempo da D. Maria dos Cacos até ao estabelecimento da fábrica de faianças de Rafael Bordalo Pinheiro.

Caldas da Rainha, 29 de julho de 2014



Carlos Manuel Viola Silva